

INFORMATIVO TÉCNICO 06/2026

Excesso de chuva

efeitos na semeadura da soja
2026/2027 nas regiões Centro e Sul
de Mato Grosso do Sul



APROSOJA
SISTEMA FAMASUL | MATO GROSSO DO SUL

OUTUBRO DE 2026

Excesso de chuva

efeitos na semeadura da soja 2026/2027
nas regiões Centro e Sul
de Mato Grosso do Sul



INTRODUÇÃO

A semeadura da soja 2026/2027 começou sob influência do El Niño, que já tem alterado o comportamento das chuvas no estado. O volume de chuva observado entre setembro e outubro de 2026 tem se mostrado muito acima do habitual em diversos municípios do estado. De acordo com levantamento da Aprosoja/MS, com dados das estações meteorológicas automáticas do CEMTEC/INMET, entre 1º de setembro e 14 de outubro de 2026 os volumes acumulados foram: Campo Grande (293,2 mm), Dourados (459,2 mm), Ivinhema (422,4 mm), Sidrolândia (371,8 mm), Itaporã (389,4 mm), Nova Alvorada do Sul (344,6 mm) e Anaurilândia (373,0 mm). Já nas regiões Norte e Pantaneira, os volumes de setembro foram menores, entre 0 e 80 mm, próximos da média ou um pouco abaixo.

Essa diferença nas chuvas refletiu no ritmo da semeadura. Até 9 de outubro, o monitoramento realizado pelo Projeto SIGA-MS, da Aprosoja/MS, apontava 26,6% da área de soja semeada, cerca de 1,3 milhão de hectares. É um avanço cerca de 10 pontos percentuais maior que o da safra passada na mesma data e bem acima da média dos últimos cinco anos, de 11,7%. O avanço é maior no Sul (35,7%) e no Centro (17,9%), onde as chuvas favoreceram os trabalhos. Já no Norte, as chuvas irregulares limitaram a semeadura, e menos de 4,8% da área foi semeada.

COMPARAÇÃO COM A SAFRA 2015/2016

Esse cenário é semelhante ao da safra 2015/2016, de cerca de dez anos atrás, que também ocorreu sob um El Niño de intensidade muito forte. Naquela safra, as boas chuvas aceleraram a semeadura, mas o excesso de chuva na região Sul do estado causou problemas aos produtores da região.

SITUAÇÃO ATUAL NAS LAVOURAS

Nesta safra, a chuva que ajudou no início da semeadura já começa a preocupar os produtores. Na última semana, os grandes volumes de chuva diminuíram o ritmo da semeadura, com precipitações de 1 a 225 mm nas diferentes regiões do estado. Já há relatos de selamento superficial do solo em áreas da região Centro e de erosão que arrastou a camada superficial do solo e as sementes na região Sudeste, exigindo replantio.



Água acumulada em área de lavoura



Enxurrada e arraste de solo



Plântulas de soja em solo exposto



Plântula de soja emergindo na palhada

O SOLO E O EXCESSO DE ÁGUA

O solo funciona como uma caixa d'água: ele armazena parte da água da chuva e a mantém disponível para as plantas. Essa capacidade depende da textura do solo. Os solos argilosos retêm mais água e os arenosos, menos. Quando o solo fica saturado (encharcado), surgem vários problemas que podem causar grandes perdas na lavoura.

EROSÃO E PERDA DE NUTRIENTES

Em chuvas intensas sobre solo já encharcado, a água não consegue infiltrar e escorre pela superfície, arrastando partículas de solo, iniciando um processo erosivo. Os maiores prejuízos ocorrem na camada superficial, onde estão a maior parte dos nutrientes e da matéria orgânica. Assim, a fertilidade construída ao longo dos anos fica comprometida. O adubo aplicado e os nutrientes do solo também podem ser levados pela enxurrada ou lavados para camadas mais profundas, principalmente nos solos arenosos, o que representa perda de investimento. Nas áreas já semeadas, a enxurrada também pode arrastar as sementes.



Sementes e plântulas sobre solo depositado pela enxurrada

SELAMENTO SUPERFICIAL

Em solos de textura siltosa e argilosa, principalmente os de estrutura mais frágil e com pouca matéria orgânica, a chuva forte pode causar o selamento superficial. O impacto das gotas quebra os agregados do solo, e as partículas soltas acumulam nos poros e impedem a infiltração da água. Ao secar, forma-se uma crosta dura na superfície. Essa crosta dificulta a emergência das plântulas, reduz o vigor das plantas e pode causar a morte delas. Isso prejudica o estande e a população de plantas, e em alguns casos é necessário o replantio.

DOENÇAS

O excesso de chuva também afeta o manejo de doenças, pois a umidade elevada favorece o desenvolvimento de fungos. Nas plântulas, o solo encharcado favorece o tombamento e as podridões de raiz. Os fungos que causam as Doenças de Final de Ciclo (DFCs) sobrevivem na palhada e na superfície do solo e também podem vir na semente. Os respingos da chuva levam esses fungos, junto com partículas de solo, até as folhas e os cotilédones, onde servem de fonte inicial da doença.

PLANTAS DANINHAS E PULVERIZAÇÃO

Ao longo do ciclo, o excesso de chuva também pode dificultar as pulverizações, prejudicando o manejo de pragas e plantas daninhas. As plantas daninhas continuam crescendo mesmo em condições adversas e competem com a soja por água, luz e nutrientes, causando prejuízos à cultura.

RECOMENDAÇÕES AO PRODUTOR



PREVISÃO DO TEMPO

Diante desse cenário, o produtor deve acompanhar a previsão do tempo e evitar a entrada de máquinas em solos encharcados para não compactar o solo.



MONITORAMENTO APÓS AS CHUVAS

Após as chuvas fortes, deve ser feito o monitoramento e observar sinais de enxurrada, crosta na superfície e falhas na emergência, e avaliar o estande antes de decidir pelo replantio.



COBERTURA E CONSERVAÇÃO DO SOLO

Manter a cobertura de palha e as práticas de conservação do solo, como terraços e curvas de nível, a fim de reduzir a erosão.



DOENÇAS E PLANTAS DANINHAS

Também é importante ficar atento a doenças e plantas daninhas desde o início do ciclo, planejando o manejo conforme as janelas de aplicação.

ELABORAÇÃO

Lucas Silva de Santana

ANALISTA TÉCNICO

analistatecnico@aprosojams.org.br

Lucas da Silva Almeida

ANALISTA TÉCNICO

analistatecnico@aprosojams.org.br

SUPORTE TÉCNICO

Coordenador Técnico

Gabriel Balta

Coordenador de Campo

Dany Corrêa

**Analistas de
Geoprocessamento**

Eduardo Amorim

Eveline Bezerra

Stael Caroline Rego

Analistas de Economia

Linneu Borges Filho

Raphael Gimenes

Assistente Técnico

Daniel Lopes

SUPORTE ADMINISTRATIVO

Gerente Institucional

Tauan Almeida

**Coordenadora Financeira e
Contábil**

Teresinha Rohr

Coordenador Administrativo

Kelson Ventura

**Assistente Financeira e
Contábil**

Gislaine Alencar

Assistente Administrativa

Valéria Henrique

EQUIPE DE CAMPO

Adriana Jara Freitas

Aldinei Ortiz Corrêa

Alexandre Santos Soares

Anne Karoline Moreira Silva

Augusto Laverde Munaro

Diego Nogueira Batista

Davi Vicente de Oliveira

Geizibel Gomes Romero

Giovanny Vilela

Joice de Abreu Pião

José Alberto Pinto dos Santos

Lilian Ferreira Cioca

Patricia Vilela da Silva

Wesley Santos Vieira

Wesley Luan Santana

COMUNICAÇÃO E MARKETING

Coordenadora de

Comunicação

Crislaine Oliveira

Assistentes de Comunicação

Marcos Maluf

Beatriz Julio

Estagiária

Carolina Toffanetto

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor Presidente

Jorge Michel

Vice-presidente

Andre Dobashi

1º Diretor Administrativo

Paulo Stefanello

2º Diretor Administrativo

Pompilio Silva

1º Diretor Financeiro

Fábio Caminha

2ª Diretora Financeira

Malena May

DIRETORES REGIONAIS

Lucio Damália

Geraldo Loeff

Eduardo Introvini

Diogo Peixoto da Luz

CONSELHO FISCAL

Luciano Muzzi Mendes

Sérgio Luiz Marcon

Thaís Zenatti

Luis Alberto Moraes Novaes

Gervásio Kamitani

Fabio Carvalho Macedo

CONSELHO CONSULTIVO

Juliano Schmaedecke

Christiano Bortolotto

Maurício Koji Saito

Almir Dalpasquale